

LUARLINDO ERNESTO

Entrevistadores: Carla Siqueira e Caio Barretto Briso

Data da entrevista: 08/09/2008

Qual o seu nome completo, data e local de nascimento?

Luarlindo Ernesto da Silva. Eu nasci em São Cristóvão, bairro do Rio de Janeiro, no dia 13 de agosto de 1943.

Como você entra no jornalismo?

Castigo. Eu jogava futebol na rua, quando era adolescente, e meu velho não gostava. Naquela época, era comum a gente jogar bola vestindo aquelas cuecas samba-canção. Meu velho me chamou e disse: "Vou te botar de castigo!" Qual foi o castigo? Passar a madrugada no jornal *Última Hora*. Meu pai tinha um amigo lá, o Silva Junior, e meu trabalho era ficar lá de plantão de meia-noite até de manhã. Depois eu ia direto pra escola. Eu tinha 14 anos de idade e queria mudar o mundo. Até hoje não mudei e continuo aprendendo.

E você, de madrugada no jornal, fazia o quê?

O repórter de plantão dormia e eu que cuidava da cidade e do mundo. Naquela época, era do mundo, agora tem correspondente e não sei mais o que, mas naquela época não tinha, não tinha internet, não tinha celular, não tinha nada. Era telex, que pouca gente ouviu falar. O repórter dormia e eu cuidava do mundo. Uma noite, teve uma situação do cacete. O dono do jornal entrou na redação, eram aquelas portas de vai e vem de *saloon*, eu com 14 anos de idade. O patrão entrou e viu o repórter dormindo em cima da mesa com o catálogo telefônico como o travesseiro. Ele me olhou e disse: "Quem é você?". "Sou o Luarlindo", respondi. "Quem é o repórter que está aí?", perguntou, e eu disse: "É o Fulano." Ele deu uns gritos, uma bronca danada, o repórter acordou e o chefe disse pra ele: "Os tanques estão na rua, e você também." Essa frase me guiou para a vida inteira. O Marechal Lott tinha botado os tanques na rua para acabar com uma merda qualquer. "Os tanques estão na rua e você também!", isso marcou a minha vida profissional. "Jamais poderei dormir no plantão", pensei. Aí o dono do jornal disse: "Ei, você,

assuma o plantão!” Eu nem era empregado do jornal, nesse dia fui contratado. São coisas que acontecem na vida da gente, eu estava lá de castigo!

Como era ser repórter naquela época?

Eu passei por muitas coisas, mas eu não gostaria de deixar em branco que uma vez eu quase fui morto na favela do Boréu em 1990. Tinha no jornal [*Jornal do Brasil*] um jornalista de gabinete – eu tenho pavor de jornalista de gabinete. Eu estava há 28 dias no Boréu, aluguei um barraco e fiquei lá, até que, num domingo, não apareceu ninguém pra trabalhar no plantão do jornal. Esse jornalista de gabinete, que era o chefe, simplesmente mandou um carro do jornal me buscar no Boréu! Eu estava disfarçado no morro, vendendo limão! Esse rapaz não foi morto, esse motorista, porque Deus não quis, não estava na hora dele. Quando eu vi o carro com letreiro de reportagem, fugi, fui sair lá no Alto da Boa Vista. Eu e o motorista poderíamos ter morrido! Jornalista de gabinete é o engravatado – graças a Deus aqui em casa não tem ninguém engravatado.

E você estava fazendo qual matéria no Boréu?

Era uma série sobre a vida nas favelas: a violência, o que o favelado come, o que o favelado veste, como o favelado se diverte, uma radiografia mesmo. Como eu era o mais velho da equipe, me mandaram para o Boréu, que era a favela mais cruel daquela época, a mais violenta. Aí fomos três repórteres. Foi em 1990 isso. Aluguei um barraco e me mudei, disfarçado de vendedor de limão, como já disse. Eu era casado com uma mulher que não acreditava em mim, achava que eu estava mentindo, não entendia a minha profissão. O engraçado é que, no dia em que voltei, achando que estaria de folga depois de tantos dias na favela, o chefe de reportagem me mandou para Juiz de Fora, pois uma quadrilha tinha assaltado um carro forte em Belo Horizonte e estava lá. Eu estava tentando ajeitar o casamento com essa mulher, mas, no fim das contas, foi até bom.

Como era nessa época para o repórter entrar e ficar infiltrado no morro?

Você não pode entrar como repórter, você tem que entrar como cidadão comum. Se eu olhar para você, vestida desse jeito, vou dizer: “Pô, essa mulher é alguma coisa.” Só de olhar dá pra saber. Agora, olha pra mim: eu tenho cara de repórter? Minha barba sempre foi grande e eu sempre entrei nessas paradas aí. Por que o Tim [Lopes] morreu? Porque mostraram a cara dele! Se você não mostrar a minha cara, eu entro em qualquer situação e eu vou dizer, sei lá, que sou o vendedor de limão. Eu entrava vendendo limão e ainda contava uma história triste. Não vou contar o pulo o gato, mas vocês jamais diriam que sou jornalista. Um morto de

fome, isso sim. Tem que saber entrar para poder sair – de preferência vivo. Essa matéria d’*O Dia* [uma equipe do jornal, em maio de 2008, foi torturada por milicianos da favela do Batan, em Realengo, Zona Oeste do Rio, após ser descoberta no local], que eu não quero comentar, seria minha. O editor-chefe me falou, antes de eu ficar doente: “Arlindo, depois da morte do Tim, ninguém foi morar numa favela. Você está disposto?” Eu disse: “Claro que estou disposto.” Uns dias depois eu... (pausa) Isso aqui é para ser mostrado em que lugar?

Isso aqui é para a gente guardar como memória do jornalismo brasileiro. Jovens estudantes vão poder ler e assistir seu depoimento, pesquisadores e outros interessados também. É um depoimento, cada um dá o seu.

Pelo amor de Deus, tem que entrar na favela com muito cuidado. Em primeiro lugar, não vá morrer lá dentro! Segundo: saiba entrar, para poder sair. Terceiro: leve a sua vida a sério e preserve a vida dos outros. *O Dia* até hoje está enrolado com essa bodega aí, pouca gente sabe disso. Eu nem deveria falar sobre isso.

Quando você começou era mais fácil ou mais difícil? O que mudou para quem faz reportagem policial?

As pessoas tinham mais respeito umas pelas outras, hoje em dia não se respeita mais nada, você mata uma pessoa como se estivesse matando uma galinha. Eu não sei como é matar uma galinha, não gosto de galinha.

Mas existia uma “ética” dos bandidos? Era possível se relacionar com bandidos?

Não, não era relação, era respeito. A polícia tinha respeito pelo jornalista, o bandido tinha respeito pelo policial, pelo jornalista e pelos outros bandidos. Vocês já escutaram falar da morte do Cara de Cavalo?

Lembra para a gente quem era o Cara de Cavalo e como foi?

O Cara de Cavalo era um bandido de merda, desculpe o termo. A polícia do Rio de Janeiro era dividida em grupos, como hoje falam em banda podre, banda boa. Bom, naquela época [*década de 1960*] já existia isso. O Cara de Cavalo morreu numa situação, como eu posso dizer, injusta. Ele tinha uma mulher na zona e toda vez que ele ia pegar ela lá, no baixo meretrício, ele voltava para Vila Isabel de táxi. Pegava a mulher, mulher com dinheiro, e ia para Vila Isabel. Mas ele queria aumentar a grana, aí passava no ponto do bicho e “Bom dia!”, com o revólver: “Dá um dinheiro aí.” O bicheiro fez o quê? Chamou o [*detetive*] Hélio Vígio, Jacaré [*detetive Hermenegildo dos Santos*] e Cartola [*detetive Aníbal Beckman dos*

Santos]: “Esse crioulo, toda vez que passa aqui, assalta meus pontos.” Aí foram lá para dar o bote no Cara de Cavalo, um bandido de merda, um bandido de pulgas. No Rio de Janeiro não tinha bandido famigerado, um bandido carga pesada. Só ladrão de pulgas. O “malandragem” foi lá, pegou a mulher, e os policiais já estavam esperando por ele. Eram quatro homens armados num fusca preto 1948. Quatro idiotas num Fusca. Quando viram o Cara de Cavalo chegar, atiraram. “Olha lá! Manda tiro! Pimba!” Adivinha quem morreu? O Le Cocq, o detetive Milton Le Cocq. E eu participei disso, quer dizer, não participei da morte, pelo amor de Deus! Participei como jornalista, acompanhei o caso. Eu era repórter de polícia, tinha que acompanhar tudo. Aliás, hoje inventaram um novo nome pra isso, agora é repórter investigativo. Eu já fazia investigação na minha época, mas apesar disso não sou dessa associação [*Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo - Abraji*], não me convidaram. Aí ocorreu uma caçada ao Cara de Cavalo, foi a maior caçada de um homem que eu já vi. Onde entra o repórter investigativo? É aí. Cadê esse cara? Foi ele mesmo que matou o Le Cocq? Porque para mim não foi, para mim foi um policial que estava dentro do fusca. E não foi provado isso porque não fizeram perícia. Faltava um mês para eu me casar, um mês, isso foi no meu primeiro casamento, já são, no total, dezenove casamentos. A caçada ao Cara de Cavalo foi a maior caçada policial desse estado e poucas pessoas tinham informações.

Como você recebia as informações policiais? Quais eram suas fontes?

Sem informação a polícia não age e a imprensa também não. Um mês antes de me casar, me liga uma fonte da polícia: “Vem para a Favela do Esqueleto [*antiga favela carioca que ficava onde hoje é a Universidade Estadual do Rio de Janeiro*]. Vem que hoje vai dar uma merda.” Às 21h, fomos eu, o fotógrafo e o motorista. Jornalista não tem hora para trabalhar. Jornalista é um escravo do relógio. A gente estava em um jipe e não podíamos correr mais de 60km/h. Chegamos na favela, todo mundo lá parado, polícia pra cacete, eu disse: “Meu Deus do céu, vai dar merda mesmo!” O fotógrafo usava uma bolsa enorme de couro. Eu perguntei se ele estava preparado para correr, porque em tiroteio tem que correr, cada um para um lado. Daqui a pouco começa o tiroteio: pá, pá, pá! Uns dois ou três caíram baleados, foi aquela correria, sangue no chão, um inferno. Uns policiais vieram me perguntar, com a metralhadora na minha cara: “Está fazendo o que aqui, porra?” Eu respondi: “O mesmo que vocês estão fazendo: merda!” Voltei para o jornal, tinha que escrever a história. Quando eu chego na redação o editor disse que eu tinha que inventar um diálogo entre eu e um dos moribundos que morreram. “Pô, não posso fazer isso”, respondi. “O cara ganhou um tiro no coração! Como ele vai falar comigo?”. Mas isso era na época do jornalismo romântico, vamos chamá-lo assim?

Mas eu não escrevi o diálogo. Foi uma cagada que eu arrumei na minha vida, vocês não imaginam. Por ter presenciado a morte de dois policiais, tive que ir depor em juízo em plena lua-de-mel! Eu comi feijão com arroz na minha lua-de-mel, não sei se vocês entendem o que eu quero dizer. Essa minha mulher já morreu. Todos os repórteres de polícia passavam por isso. Todos. Quer mais uma história engraçada?

Queremos.

Descobri um narcotraficante que vivia no Paraguai. Ele tinha ligação com a Brise de Mer, que era a máfia francesa. Mas eu não sabia da máfia francesa. Para investigar o assunto, fui para o Paraguai. Que viagem! Eu entrei no Paraguai com o nome Joaquim José da Silva Xavier. Pois é, eu entrei no Paraguai com o nome do Tiradentes e o fotógrafo que estava comigo entrou como Joaquim Silvério dos Reis [acusado de trair a Inconfidência Mineira]. Ou eu sou um gozador ou eu vou morrer. Entrei lá como o idiota da pátria. O Tiradentes foi um idiota. Chegando no Paraguai, fomos para os bordéis, no meio de todos aqueles chefes de família – ou melhor, de famílias, entendeu? É no puteiro que você sabe de tudo, rapaz! Simplesmente no puteiro. E o jornal pagando isso tudo. Cheguei com as notas de despesa: “Whiskeria El Galeon.” Aí o chefe perguntava: “Pô, mas tu foi tomar uísque?”. “Fui”, eu respondia. “Fui descobrir as histórias que estou contando aqui na sua empresa”. Se uma hora o cara mandar eu fazer matéria de traficante, vou entregar pra ele dez papelotes de cocaína e pedir reembolso....

Você trabalhou em jornais que não existem mais. Então, fale um pouquinho deles pra gente. Como era a *Última Hora* e a *Luta Democrática*?

Era o jornalismo romântico. “Está aqui o teu dinheiro, vai lá e se vira”. Ou também: “Vou te pagar tantos contos, se você não chegar aqui tal hora, não volte mais, seu merda”, era assim que funcionava. Nessa época eu trabalhava em dois jornais: *O Globo* e *Última Hora*. Mas sempre fui fiel: se eu estivesse trabalhando pelo *O Globo*, estava pelo *O Globo* e só. Ponto. *O Globo* foi o único jornal que deu o boneco do Edson Luís [em 1968], não sei se vocês lembram isso. Essa história é boa: fui para o velório do menino com o carro de reportagem d’*O Globo*. Quem estava lá era o Vladimir Palmeira, presidente da UME [União Metropolitana dos Estudantes], que estagiava no *Última Hora*. Quando cheguei lá com o carro d’*O Globo*, os estudantes, putos da vida com o jornal, que era de direita, me cercaram. Vladimir chegou e disse: “Ô, Luarlindo! E aí, tudo bem?” Respondi: “Tudo bem. Vão me dar um piau aqui da melhor qualidade, mas eu quero a foto desse garoto, tenho certeza que *O Globo* vai trazer a família dele de Manaus pra cá.” O Vladimir foi e resolveu na hora.

Nunca mais falei com ele. Até gostaria de dar um abraço nele. Voltei para o jornal com a foto e tive que negociar com eles. "Olha, eu consegui a foto, mas precisamos trazer a família desse menino pro Rio. Pode ser?" Até hoje essa foto do menino é conhecida, graças ao idiota que vos fala aqui. E eu não entreguei para a *Última Hora*, sempre fui muito fiel. E tem outros jornais que vocês nunca ouviram falar, o *Diário Carioca*, *Diário Popular*, *Luta Democrática*... Aliás, o Tenório Cavalcanti me ensinou a nunca falar nada importante pelo telefone. Não se fala nada por telefone, só "bom dia, boa tarde, como vai". O Tancredo [Neves] disse a mesma coisa: "Nunca fale por telefone coisas importantes."

Você falou do Cara de Cavalo, que foi quando você estava na *Última Hora*. Naquela época também teve o caso do Mineirinho. Você cobriu?

Cobri. Foi outro inventado pela imprensa.

De que época é o Mineirinho?

Foi antes do Cara de Cavalo. Quando não tinha notícia policial chegava o editor e dizia: "Dá teu jeito". A gente fazia muita matéria montada quando o editor pedia. Hoje em dia, isso não se faz, detesto isso, comecei nessa época, era assim que funcionava. O editor mandava, a gente fazia.

E a Luta Democrática, como era?

[Risos.] Pra você ver como era: um dia, chegou uma mulher no jornal e falou assim: "Olha, a próxima vez que vocês publicarem esse corpo, eu vou entrar na justiça porque ele já saiu seis vezes!" O jornal não tinha dinheiro para pagar fotógrafo e então repetia fotos antigas, compreendeu?

E como foi ser repórter policial durante a ditadura militar?

A imprensa só podia publicar as histórias de futebol e polícia. Mas só que os órgãos de repressão estavam matando muita gente e aí apareceu um cara que contava tudo pra gente: "Ó, matamos quatro, matamos cinco." Isso geralmente acontecia de madrugada, essas mortes e o abandono dos corpos. "E agora, como vamos chamar esse cara?" Bem, já tínhamos inventado o Mão Branca. Então criamos o Rosa Vermelha. O cara me ligava: "Ô, Luarlindo! Como vai a família? Puxa, minha filha tá ruim em matemática, não sei o que fazer..." Depois dizia: "A propósito, deixamos oito no lugar tal." Era, oito corpos abandonados. O cidadão que ia tolher nossas matérias ficava na redação. Cansei de encher de açúcar e sal o bolso dos censores: "Chama a PM porque esse cara tá com cocaína!"

Nessa época começaram a aparecer fotografias, geralmente na primeira página dos jornais, de execuções feitas pelo Esquadrão da Morte, você lembra disso?

É isso aí, o Rosa Vermelha. E os jornais publicavam, lamentavelmente publicavam. Você só falava de esportes ou falava de polícia porque o noticiário político era todo censurado. Quando tinha alguma cagada do governo a gente ficava sabendo pelos próprios militares: "Proibido falar sobre isso". "Mas isso o quê?" E às vezes eles próprios se entregavam. Era muito difícil, foi uma época terrível. Olha aqui, eu vou falar um negócio. Eu tive duas épocas terríveis na minha vida: a época da censura e quando o Jânio [Quadros] renunciou. Ninguém mais ouve falar do Jânio, que originou a ditadura. O Jânio renunciou, o vice-presidente [João Goulart] assumiu, os militares deram o golpe. Porra, eu fiquei vinte anos sem eleger um presidente da República! Vinte anos querendo escrever e não podia escrever, porque meus patrões não permitiam e os jornais também não tinham a chance de denunciar. Hoje você tem repórter no Iraque, no Afeganistão, em Manaus, na minha época não era assim.

Como foi sua cobertura do atentado do Riocentro, em 1981?

Na ditadura, para qualquer lado que você vá, você está tolhido, você esbarra num muro. E eu usei os conhecimentos de repórter policial. Tinha um sargento morto, o sargento Rosário. Agora, se o cara está morto, eu vou para o IML. O *JB* tinha uma equipe enorme, o *Globo* tinha uma equipe enorme, e eu fui para o IML. Fiquei lá, batendo um papo, tomando uma cervejinha, um cafezinho, chamei o porteiro e falei: "Vem cá, esse cara lá do Riocentro já está identificado?", "Está. Rosário e pá, pá". "Toma mais um café comigo", disse pra ele. Voltei para o jornal e passei a informação. "Como você sabe disso?", o chefe perguntou. "Ou confia em mim, ou não confia. A mulher dele mora em Jacarepaguá, está aqui o endereço, o diabo a quatro. E vocês não deram nem primeira página", respondi. São coisas que um repórter hoje tem que correr atrás. Estamos na ditadura: como eu consegui? Ué, usei minhas fontes policiais. Ganhamos o prêmio Esso nessa cobertura da bomba do Riocentro.

Você foi chamado para cobrir essa matéria do Riocentro porque era o repórter da vez ou houve um motivo específico para você ser convocado?

Eu era a bola da vez, só que no dia seguinte, eu estava de plantão e o cara falou: "Vai à luta aí!", e eu disse: "Vou!" Levantei a história de que havia uma segunda bomba. Os caras da perícia não tinham falado pra ninguém, mas falaram pra gente.

Pra gente quem? Para os idiotas que trabalhavam no dia-a-dia com eles, gente que eles conheciam da cobertura policial.

Mas o jornal deu essa história da segunda bomba?

Deu.

Mas até que ponto foi possível investigar o atentado do Riocentro, uma vez que os militares já saíram com a versão deles?

Deixa eu te falar um negócio: você ia para a rua com uma missão de ter que contar uma história e acabou. Não volte sem história. Então, você se vira, você tem que ter fontes, do Exército você não ia conseguir nada, do Exército nem pensar. Na Aeronáutica, Deus me livre! Aí, eu voltei às velhas fontes da Polícia Civil, porque era a polícia que tinha que fazer a perícia. Foi por causa disso aí que eu soube quem era o morto e quem era o ferido. Graças a Deus foi só um morto e só um ferido porque ali era para ser muito mais. O *JB* botava na rua uma equipe grande pra caramba, só que botavam gente pra cobrir a área militar, a área civil, a área política e o idiota aqui ia cobrir a área policial, como sempre, que era da ralé, porque a ralé é a área policial e foi a ralé que levantou a história. Na área política diziam "não fala nada, tu vai perder o emprego".

Você foi o autor da uma reportagem que levou a Polícia Federal a investigar a presença no Brasil do mafioso Tommaso Buscetta e a prendê-lo, em 1983. Extraditado para os Estados Unidos, Buscetta fez um acordo com o governo americano e provocou o maior terremoto da história da Máfia até hoje. Como foi isso?

Um delegado conhecido meu recebeu uma comunicação da Interpol. Eu cobria a Polícia Federal na época e eu era íntimo dele. Aí ele disse: "Olha o pepino que chegou aqui". Deixa eu tentar fazer vocês entenderem. O cara sumiu da Itália, ele estava preso na Sicília. Ele matou onze pessoas num jantar, ele envenenou a porra toda. Foi preso e sumiu. Só que ele tinha uma mulher brasileira e, conseqüentemente, um sogro brasileiro. Aí começaram a aparecer pessoas mortas em Copacabana, Ipanema, Leblon, principalmente naqueles apartamentos de aluguel de temporada. E as pessoas geralmente eram estrangeiros com passaporte ilegal, com entrada ilegal no país e sempre com uma mulher, ou seja, um casal de fachada. Eu disse: "Porra, tem alguma coisa errada aí." O Buscetta estava foragido da Sicília, eu já conhecia a história dele, já tinha coberto sua extradição, e com aqueles crimes todos, concluí: "Esse cara está aqui." Esse delegado amigo meu me

contou que o italiano tinha um fazenda em Belém na qual a polícia ainda não tinha ido. Aí comecei a vir de madrugada nesses apartamentos de temporada. Peguei uma foto antiga do Buscetta, perguntava sobre ele na rua, discretamente. Descobri que ele tinha feito plástica. Continuei na minha. O Bartô [Bartolomeu Brito, repórter de polícia, colega de Luarlindo no jornal *O Dia*] foi um dos que disse: "Luarlindo, esse cara está aqui." Saí na caça dele. De repente aparece uma garota de 14 anos morta por overdose em uma orgia, lá em Penedo. Quem era o dono da casa? Lélío Paulo Gigante. Ai, meu Deus! Sabe quem era o Paulo Gigante? Era o cara que falsificava os passaportes para a quadrilha do Buscetta, em 1972. *[Luarlindo já tinha trabalhado no caso da extradição de Buscetta em 1972, quando ele foi preso junto com a máfia francesa da Brise de Mer. Foi preso pelo delegado Sérgio Fleury, do DOPS, e foi deportado em seguida. Em 83 ele fugiu da Itália e voltou ao Brasil.]* O jornal não queria me dar dinheiro, não queria me dar carro, eu iria pra Penedo e voltaria no mesmo dia. "Não, ficar lá não. Vai e volta." No fim das contas, o cara fugiu pra Bahia. Perguntei ao chefe: "Posso ir pra Bahia?" A resposta dele foi "nem pensar!". Enfim, são as coisas que acontecem no jornalismo.

**Qual foi a repercussão dessas reportagens que você escreveu no jornal?
Porque depois o Buscetta foi preso e acabou indo para os Estados Unidos.**

Como testemunha protegida. Porque lá ele denunciou meio mundo, na Itália e nos Estados Unidos.

Ele foi preso por causa dessas reportagens?

Ele foi preso porque eu o achei. O Buscetta era um louco. Mataram dois filhos dele, ele foi lá e matou onze familiares do cara. Era envolvido com tráfico internacional de drogas. Quando eu o descobri, ele foi preso pela Federal. Isso repercutiu no exterior, repercutiu muito. Tanto é que vieram uns coleguinhas aqui, uns franceses vieram me entrevistar sobre a Brise de Mer, a máfia francesa. Eles disseram que lá o caso não teve repercussão. "Pois é, vocês não lêem jornal do Brasil."

Você teve problema com a máfia por causa disso?

Claro que eu tive. Mas quem é que vai procurar um jornalista em Água Santa? E eu tenho cara de jornalista? Quem é esse cara? Eu não apareço. Nunca ninguém me encontrou. No fim, fui chamado a depor.

Onde?

Fui para Roma, eu e a Tia Jô [esposa atual]. Estavam processando o jornalista italiano que copiou as minhas matérias de Penedo. O cara pediu para eu ir lá.

Pagou tudo para mim e minha mulher, ficamos dezoito dias em Roma com tudo pago. O cara é um produtor famoso de uma grande emissora italiana. Dia 6 de maio de 2000 eu estava na Justiça. Feliz da vida! Eu não bebi água em Roma. Tá maluco?! Bebi água aqui, como eu vou beber água lá?! Fizemos a maior feijoada na embaixada brasileira. Fizemos uma festa lá.

Em 1990, você ganhou o prêmio Esso com a equipe do *Jornal do Brasil* pela reportagem “Um mergulho no outro mundo”. O que foi essa reportagem?

Entrei na favela, moramos na favela. Por eu ser mais velho, mais experiente, me botaram no Boréu.

Esse foi o caso dos 28 dias no Boréu?

Foi. Fiquei lá, vendendo limão. Também morei 40 dias na Rocinha e mais 18 no Dona Marta. Mais um casamento perdido. Ou eu ficava com a mulher ou parava de morar em favela. É difícil morar na favela, você tem que ser outro, não dá pra chegar lá com a cuca que você tem. Porque você chega na favela para ver os problemas, não chega tirando os problemas da sua cabeça. É muito complicado morar lá como repórter, muito complicado. Eu acho muito difícil hoje em dia você fazer esse tipo de matéria.

Infelizmente, a última pergunta. O que você acha dessa iniciativa do CCMJ, de gravar depoimentos de jornalistas?

Eu acho que isso é magnífico e que precisariam de outras iniciativas assim. Eu até falei com a minha filha mais velha: “Filha, pede para o meu neto gravar esse troço porque eu não quero levar isso pra sepultura.” É bom as pessoas tomarem conhecimento desse negócio. Eu vou morrer e as pessoas não vão saber disso. Então, eu bato palmas para o projeto.